

AGRICULTURA ORGÂNICA: UMA ALTERNATIVA CONTEMPORÂNEA NO MODO DE PRODUZIR ALIMENTOS

Daniela Doms¹ – Universidade Estadual de Londrina
ddoms@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

As décadas de 1960 e 1970, com o processo de modernização das bases técnicas de produção da agricultura no Brasil, representaram o período de profundas mudanças no cenário rural com a introdução de máquinas, equipamentos e uma variada oferta de agroquímicos que objetivavam o aumento da produtividade agrícola, submetendo, desta maneira, a agricultura aos ditames do capital industrial.

Esse modo de produção agrícola expandiu-se por grande parte do território brasileiro, principalmente nas áreas produtoras de culturas voltadas ao comércio internacional, como a soja, por exemplo. No entanto, o período de vigência da utilização de tais artifícios na produção agropecuária parece estar entrando em declínio, ou vendo acirradas as críticas quanto ao modelo adotado e suas conseqüências à saúde humana e ao meio ambiente.

Neste cenário a agricultura orgânica e outras correntes agroecológicas ganham destaque, além de reduzir os danos ao meio ambiente – na atual preocupação de sustentabilidade - e à saúde humana, proporciona ainda a redução dos custos de produção das culturas, absorve um contingente maior de mão de obra, beneficia a agricultura familiar e detém a perspectiva de desenvolvimento econômico e social no meio rural brasileiro.

Assim, tornou-se bastante pertinente a escolha do tema deste ensaio, produzido para a disciplina de Geografia Agrária no curso de Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Estadual de Londrina, baseado na dissertação de mestrado de Margarida Cássia Campos, intitulada “Territorialização da Agricultura Orgânica no Paraná: Preservando o Meio Ambiente e Produzindo Alimentos Sadios”².

O município escolhido para a realização da pesquisa foi Ibiporã, no Norte do Paraná, devido à proximidade geográfica com a cidade de Londrina – permitindo maior acesso às informações - e, ainda, pelo fato de que, no município escolhido, a agricultura orgânica inicia seu processo de territorialização. Foram entrevistados dois produtores no objetivo de identificar o perfil de cada um e suas perspectivas quanto à produção orgânica.

A metodologia utilizada baseou-se, num primeiro momento, no levantamento bibliográfico e nas leituras dos textos referentes à pesquisa e à agricultura brasileira, depois de absorvida esta primeira etapa foi realizado um trabalho de campo visando a coleta de dados, através da aplicação de questionários junto a estes proprietários rurais com questões relacionadas à trajetória que os levou a praticar o cultivo da agricultura orgânica e informações sobre a produção, permitindo assim, a análise e sistematização dos resultados obtidos.

¹ Aluna regular do curso de Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento.

² Dissertação apresentada em 2004 no curso de Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Na primeira parte deste ensaio abordar-se-á a origem da agricultura orgânica e sua atualidade, em seguida, será enfatizada a produção de orgânicos no Norte do Paraná, para que se apresente posteriormente os dados colhidos na pesquisa de campo, e por fim, as considerações finais sobre o estudo.

2. A AGRICULTURA ORGÂNICA E SUA ATUALIDADE

No início do século XX, mais precisamente em 1905, o inglês Albert Howard após observar os camponeses indianos, e o modo como trabalhavam suas lavouras, ficou intrigado ao perceber que esses não utilizavam fertilizantes e, no entanto, mantinham seus rendimentos, embora menores, constantes, enquanto a adubação química produzia excelentes resultados no início, porém os rendimentos caíam drasticamente com passar dos anos³.

A análise de Howard constatou que a fertilidade dependia do acúmulo de resíduos animais e vegetais no solo, a adubação praticada pelos indianos constituía-se da mistura de “excrementos animais com restos de culturas, cinzas, ervas daninhas, o que resultava num *compost manure* (esterco composto), de onde se originou o termo ‘composto’, hoje corrente” (Khatounian, 2001; 26). Na década de 1940 os estudos sobre os danos provocados pela agricultura convencional já se expandiam, porém a agricultura orgânica ainda era vista como um movimento rebelde diante dos rendimentos proporcionados pela utilização de produtos químicos no cultivo agrícola.

A agricultura orgânica diferencia-se basicamente da convencional por restringir o uso de produtos químicos na produção das culturas⁴, mas vai além, o trato orgânico na produção de alimentos requer maior utilização de mão de obra, contrastando com a convencional que, via tecnologia, reduz o número de empregos no campo. Ela gera ainda alimentos saudáveis, reduz os danos causados ao meio ambiente e à saúde humana, auxilia a fixação do homem no campo ao proporcionar condições mais favoráveis de cultivo e o aproxima novamente da natureza.

A prática orgânica no cultivo dos alimentos não é algo recente, durante os séculos o homem somente produzia através desse modo, mas o avanço das forças de produção capitalista e o desenvolvimento da indústria química “inovaram” os artificios de produção visando maior produtividade e crescimento econômico, praticamente inviabilizando, de tal modo, toda e qualquer outra prática alternativa ao modelo imposto.

Na atualidade o desenvolvimento do conceito de consciência ambiental e qualidade de vida demandaram o ressurgimento dessa prática, fundamentados na insustentabilidade do modelo tradicional adotado.

O número de produtores orgânicos cresce significativamente, segundo pesquisa realizada pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento) o Brasil soma atualmente 7.063 produtores certificados ou em processo de conversão, mas existe cerca de treze mil produtores que produzem

³ Khatounian, C.A. “A reconstrução ecológica da agricultura”.

⁴ Oelhaf, 1978, apud Altieri, M., 1989.

organicamente porém sem certificado. O mercado para esses produtos também apresenta crescimento estimado em 30% ao ano, segundo Khatounian.

3. O NORTE DO PARANÁ E A PRODUÇÃO ORGÂNICA

No Brasil a agricultura orgânica ganha destaque a partir da década de 1980 e nos últimos cinco anos o aumento do mercado orgânico tem intensificado-se, segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário, sendo que a pequena propriedade, geralmente pautada na mão de obra familiar, é responsável por grande parte de tal produção.

O Estado do Paraná, maior produtor de grãos do país, possui extensas áreas de solo altamente fértil e foi um dos Estados brasileiros que, na década de 1970, teve maior adesão ao pacote tecnológico advindo da “Revolução Verde”, o Porto de Paranaguá configura-se como o maior do Brasil em exportação de produtos agrícolas, principalmente de soja e café⁵.

Desta maneira, o Estado do Paraná configura-se também como o maior consumidor de insumos agrícolas, haja visto que a produção de grãos exige, frequentemente, a injeção de agroquímicos para atingir os níveis de produção esperados para a exportação.

A concentração fundiária também apresenta-se como condição à manutenção dessa agricultura de larga escala praticada por um número significativo de produtores, conseqüentemente, prejudicando aqueles que não conseguiram ampliar a área de produção e nem mesmo ter acesso ao crédito fornecido pelo governo, assim como a grande maioria dos pequenos produtores no Brasil.

Segundo Margarida Campos (2004: 79), é;

“neste contexto que surgem as iniciativas de agricultores isolados ou aglomerados em grupos, assessorados por organizações não-governamentais, em produzir sem a utilização de agroquímicos. Isso ocorreu por alguns fatores, tais como: falta de condições financeiras para adquirir o pacote tecnológico da modernização da agricultura, ou por uma escolha em produzir alimentos livres de agroquímicos”.

O Paraná constitui-se atualmente como o maior produtor orgânico de soja e um dos três maiores na produção geral de produtos orgânicos do Brasil. A produção de hortaliças está localizada próxima às grandes cidades, abastecendo assim a demanda do mercado interno destes municípios⁶.

O crescimento da prática da agricultura orgânica no Estado do Paraná nas safras de 2000/01 e 2001/02 foi de 25,9 %, segundo análise de Margarida Campos (Tabela I), destacando-se as culturas de soja, açúcar mascavo, milho, frutas e hortaliças.

As formas de comercialização destes produtos são variadas (Tabela II), alguns produtores preferem a venda direta ao consumidor, outros vendem-nas para a Central de Abastecimento S.A. (CEASA), Associação dos Produtores Orgânicos de Londrina (APOL), Supermercados, enfim, as maneiras de

⁵ Campo, M. C. “Territorialização da agricultura orgânica no Paraná: preservando o meio ambiente e produzindo alimentos saudáveis”, 2004 - dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Estadual de Londrina.

⁶ Ibidem 4.

comercialização dos produtos orgânicos vão depender diretamente das condições de transporte dos produtores e do mercado que o circunda.

TABELA I

Evolução na produção de produtos orgânicos no Paraná – safras 2000/01 e 2001/02.

Produtos	Safra 200/01*	Safra 2001/02		
	Produção (ton.)	N.º de produtores	de Área (há)	Produção (ton.)
Soja	11.536	854	7.601	16.282
Hortaliças	2.978	640	543	4.734
Açúcar mascavo	7.322	165	201	8.840
Café	261**	120	741	804
Frutas	5.500	436	614	5.921
Plantas medicinais	330	175	255	401
Erva-mate	396	35	158	480
Milho	3.748	442	1.544	5.955
Trigo	412	55	310	506
Feijão	317	456	564	624
Arroz	2.389	58	381	2.149
Mandioca	350	42	79	1.262
Total	35.539	3.478	12.991	47.958

Fonte: SEAB/DERAL, EMATER/PR

*Nesta safra a SEAB/DERAL não forneceu dados de números de produtores e área colhida

** produção prejudicada pelas geadas de 2000.

TABELA II

Melhores e piores formas de comercialização

Piores	N.º de produtores	Melhores	N.º de produtores
Supermercado	08	APOL	04
Atravessador	02	Venda direta na propriedade	08
Não sabe	02	Ceasa	02
		Cestas ao Consumidor	02

Fonte: Campo, M. C. – pesquisa in loco, maio/junho/julho, 2003

Org: Daniela Doms

4. EXPOSIÇÃO DOS DADOS EMPÍRICOS.

O trabalho de campo consistiu na entrevista de dois produtores orgânicos do município de Ibiporã, localizado no Norte paranaense, próximo à cidade de Londrina, os chamaremos de Produtor I, 36 anos de idade, administrador de empresas e Produtor II, 63 anos de idade, mestre de obras e agricultor.

O Produtor I exercia a atividade de empresário quando tomou conhecimento da agricultura orgânica. Em certa ocasião um amigo solicitou-lhe um empréstimo para o início de uma nova plantação orgânica, que fez com que o então empresário tomasse conhecimento sobre a produção de alimentos orgânicos e que, a partir de tal momento, tivesse interesse pelo negócio ao perceber as vantagens do novo mercado em expansão.

No entanto, o produtor alega razões adversas as econômicas para o ingresso nesta modalidade de cultivo, como a busca da qualidade de vida que não estava sendo alcançada em seu exercício profissional anterior e a possibilidade de fornecer alimentos saudáveis ao consumidor, declarando: “Como é que eu vou produzir e vender para os outros alguma coisa que eu não tenho coragem de comer?”. Este produtor cultiva orgânicos há um ano.

Diferente do Produtor I, o segundo entrevistado tem sua origem no meio rural, exerceu a agricultura na plantação de café durante muitos anos. Porém, as condições da agricultura na época (1970-75) o obrigaram a migrar para a cidade em busca de melhores oportunidades de trabalho, servindo ao setor da construção civil como mestre de obras. O retorno ao campo deu-se após alguns anos vividos na cidade, constituído família e vivenciado uma cultura diferente daquela de sua origem. Da própria construção civil é que veio o convite de retorno à terra, quando um cliente o chamou para cuidar de uma plantação de morango, que de pronto foi aceito.

O conhecimento sobre a agricultura orgânica veio através de um encarregado da EMATER⁷ que visitava a propriedade para fornecer insumos e convidou o Produtor II para participar de um congresso no qual o tema estaria sendo abordado, surgindo daí o interesse pela produção de orgânicos. Ele diz também que a família apoiou a idéia, pois sua esposa temia pela saúde dos envolvidos com o manuseio de agrotóxicos. Assim, há quatro anos a agricultura orgânica vem sendo praticada nesta propriedade.

O Produtor I é proprietário, juntamente com sua família, das terras cultivadas, na qual também exerce a pecuária, a área destinada à lavoura é de 2ha, na produção são empregadas duas pessoas (um casal) que residem na propriedade como caseiros e, eventualmente, é solicitado o trabalho de um diarista.

No caso do Produtor II a mão de obra empregada na produção é familiar, na qual trabalham cinco pessoas; dois filhos, a nora, a esposa e o próprio produtor. A área plantada é equivalente à do Produtor I – 2ha, contudo, o imóvel é arrendado pela quantia de R\$ 2.000,00 por ano, e, ainda, trabalha com a família como caseiros da propriedade sem remuneração. A pecuária é exercida somente para a subsistência da família.

O sistema de plantio adotado pelo Produtor II não utiliza rotação de culturas, os produtos são colhidos e plantados continuamente em etapas. Enquanto numa determinada área as culturas estão prontas para serem colhidas, noutra plantam-se mudas, dessa maneira a produção é constante.

⁷ Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural.

O Produtor I, no entanto, utiliza-se do sistema de rotação de culturas, enquanto 1ha é cultivado o outro está sendo preparado para a rotação do plantio, além de medidas de segurança contra pragas, como uma barreira de cana de açúcar nas proximidades da plantação para impedir que o vento as traga.

As duas propriedades contam com irrigação permanente, sendo a propriedade do Produtor I abastecida pelo Ribeirão Lindóia, contando ainda com um poço artesiano, e do Produtor II pelo córrego Água do Guará que passa dentro da propriedade.

Os insumos orgânicos são fornecidos para ambos pela Fundação Mokiti Okada, adepta da agricultura natural⁸, sendo que um dos técnicos desta fundação visita a propriedade do Produtor II regularmente e, quando questionado sobre a atuação do Estado, no que se refere à assistência e ao crédito, sua resposta foi taxativa: “Se depender do Estado morre de fome”. Já o Produtor I não recebe assistência regular, ora recorre à EMATER, ora à própria Fundação Mokiti Okada. A adubação verde e a compostagem são utilizadas por ambos os produtores.

Não existe certificação em nenhuma destas propriedades, sendo que ambos alegaram que este processo além de caro, não influenciaria diretamente no mercado em que atuam.

O Produtor I comercializa a sua produção de forma diferenciada através de “cestas orgânicas” contendo de dez a doze produtos e entregues à domicílio para cerca de 50 famílias do município de Ibioporã e 25 famílias do município vizinho; Londrina. O excedente é comercializado com o CEASA local. As cestas também contém queijo (opcional) produzido na própria propriedade.

O Produtor II comercializa 80% da sua produção com o CEASA como produto convencional alegando ter dificuldades de vendê-los ao preço de produto orgânico, sendo que os 20% restantes são entregues aos sacolões da cidade vizinha; Cambé – PR. Foi-lhe questionado o conhecimento sobre a comercialização de “cestas” e da viabilidade desta forma de vender seus produtos, o mesmo, então, disse conhecer esta maneira de comércio, mas que não pode à ela aderir, pois a mão de obra (familiar) empregada na propriedade está totalmente ocupada, e os custos com a contratação de um funcionário não estão em seus planos.

Quanto a organização da produção o Produtor I, pela própria formação, diz manter sua contabilidade em ordem, o produtor II respondeu o seguinte: “Se eu fizer a contabilidade paro de trabalhar”.

Os dois produtores consideram ter elevado a qualidade de vida após se dedicarem ao cultivo de orgânicos, concordam que a terra, para produzir alimentos saudáveis, necessita de sua fertilidade natural e se julgam mais próximos da natureza, observam mais os passarinhos e dizem ser influência direta da agricultura orgânica a variedade de espécies animais que dizem ter aumentado na região da propriedade. A preocupação com saúde dos consumidores (e também a deles) faz parte dos seus compromissos, firmados com esta corrente agroecológica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁸ Khatounian, 2001; 26: “No Japão, nas décadas de 1930 e 1940, desenvolveu-se um movimento de caráter filosófico religioso, cuja figura central foi Mokiti Okada, e que resultou numa organização conhecida como Igreja Messiânica. Um dos pilares desse movimento foi o método agrícola denominado *Shizen Noho*, traduzido como ‘método natural’ ou agricultura natural”

A contribuição da agricultura orgânica para os entrevistados, diz respeito, principalmente, a elevação no nível de qualidade de vida. O Produtor I fez a opção por produzir orgânicos devido às atribuladas atividades que exercia anteriormente e o Produtor II retornou ao campo e, segundo o mesmo, realizou um sonho antigo.

No entanto, algumas dificuldades podem levar o produtor à desistência deste modo de produzir alimentos, optando pelo retorno à utilização de agroquímicos, por exemplo, a falta de assistência técnica, a forma de comercialização dos produtos e a própria dificuldade em desvincularem-se do modo convencional.

O diferente perfil dos entrevistados nos evidencia a abrangência da agricultura orgânica no tocante a produção e maneiras de comercialização dos produtos mas, observou-se também, que nem sempre o orgânico consegue agregar valor ao preço, no caso do Produtor II sua produção é vendida como convencional, pois o mercado no qual ele se encontra inserido não faz distinção entre produtos convencionais e orgânicos, a razão, obviamente, é econômica.

Os dois entrevistados podem ser considerados pequenos proprietários, a diferença principal entre um e outro está na mão de obra empregada, fato que os distingue teoricamente. Se por um lado, segundo a pequena amostra empírica, a agricultura orgânica contribuiu para o retorno e fixação do homem ao campo, sua expectativa de lucro também influencia pequenos capitalista urbanos a ingressarem como produtores rurais. O que nos permite levantar a hipótese de que é vantajosa tanto para a agricultura familiar como para a “agricultura capitalista”.

O governo do Paraná vem incentivando a produção de orgânicos, porém a assistência técnica ainda é desejosa, a própria EMATER admite que o pessoal contratado é insuficiente para a demanda da região que atuam. O fato é que a agricultura orgânica, e outras correntes ecológicas apresentam tendências de desenvolvimento econômico e social, podendo ser abrangida no âmbito do desenvolvimento rural brasileiro, como alternativa àqueles que trabalham a terra, mas que estão excluídos da aquisição de tecnologias tais como máquinas, insumos químicos e outros no intuito de elevar a produtividade e conseguir manter a sobrevivência da família. Além de ser uma opção saudável, é, ainda, consciente.

Nota-se que o mercado se expande, ainda que a preços superiores ao convencional, e que a perseguição pela sustentabilidade favorece este aumento de forma progressiva.

A agricultura orgânica, sendo um modo de cultivar alimentos saudáveis, preservar o meio ambiente, contribuir para a produção familiar, diminuir custos de produção e ainda reavivar a percepção ambiental tanto de consumidores quanto dos produtores, carrega consigo a hipótese de que seja, num futuro próximo, o modo de cultivar alimentos comprometido com a vida, e a ela favorecendo.

ANEXOS

DADOS DOS PRODUTORES

	PRODUTOR I	PRODUTOR II
Idade	36	63

Escolaridade	3º grau completo	1º grau completo
Profissão anterior	Empresário	Mestre de Obras
Origem	Urbana	Rural
Casado?	Sim	Sim
Quantos filhos?	Nenhum	Quatro
Proprietário?	Sim	Não (arrendatário)

Fonte: Pesquisa in loco, julho/2005

PRODUÇÃO

PRODUTOR I	
Produtos	Produção/semana
Alface	1.000 unidades
Almeirão/Rúcula e Brócolis	400 unidades
Morango/ Abobrinha/ Berinjela e Tomate	200 unidades

Fonte: pesquisa in loco, julho/2005.

PRODUÇÃO

PRODUTOR II	
Produtos	Produção/semana
Alface	10.000 unidades
Almeirão	1.000 unidades
Brócolis	1.000 unidades
Pimenta/Morango/Repolho e Chicória*	-

Fonte: pesquisa in loco, julho/2005.

* sem números de produção

TÉCNICAS

	PRODUTOR I	PRODUTOR II
Área cultivada	2ha	2h
Insumos	Esterco Orgânico e Compostagem	Esterco Orgânico e Compostagem
Assistência Técnica	Não regular (EMATER e Mokiti Okada)	Regularmente – Mokiti Okada
Irrigação	Ribeirão Lindóia e poço artesanal	Córrego Água do Guará
Outros cuidados	Barreira de cana de açúcar contra pragas	Não
Rotação de culturas	Sim	Não

Certificação	Não	Não
--------------	-----	-----

Fonte: Pesquisa in loco, julho/2005

COMERCIALIZAÇÃO

	PRODUTOR I	PRODUTOR II*
CEASA	Produção excedente	80% da produção
“Cestas orgânicas”	50 famílias de Ibiporã e 25 famílias de Londrina	-----
Sacolões	-----	20% da produção

Fonte: Pesquisa in loco, julho/2005

* Comercializa seus produtos como convencionais

6. BIBLIOGRAFIA

ALTIERI, M. A. “Agroecologia – as bases científicas da agricultura alternativa”. Editora Fase. Rio de Janeiro, 1989.

BONILLA, J. A. “Fundamentos da Agricultura Ecológica”. Editora Nobel. São Paulo, 1992

CAMPOS, M. C. “A territorialização da agricultura orgânica no Paraná: preservando o meio ambiente e produzindo alimentos saudáveis”. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Estadual de Londrina, 2004.

KHATOUNIAN, C. A. “A reconstrução ecológica da agricultura”. Editora Agroecológica. Botucatu, 2001.

OLIVEIRA, A U. “Modo capitalista de produção e agricultura” Editora Ática. São Paulo, 1995.